

PRIMEIRA LINHA ENTREVISTA

PEDRO FERRAZ DA COSTA PRESIDENTE DO FÓRUM PARA A COMPETITIVIDADE

“É difícil perceber o que leva os patrões a assinar estes acordos”

Ferraz da Costa é contra o salário mínimo e diz que os sindicatos deviam defender salários mínimos por sector. O presidente do Fórum para a Competitividade não percebe por que quase todas as pessoas apoiam a concertação social.

MARTA MOITINHO OLIVEIRA
martaoliveira@negocios.pt

Já foi o patrão dos patrões, quando presidiu à Confederação da Indústria Portuguesa (CIP), entre 1981 e 2001. Em entrevista ao Negócios, o presidente do Fórum para a Competitividade e da Iberfár (uma empresa da indústria farmacêutica) revela acreditar que os patrões aceitaram subir o Salário Mínimo Nacional (SMN) para travar reversões na legislação laboral.

É contra o aumento do SMN?

Sou contra o SMN no geral. Nós temos 30 mil salários mínimos em Portugal. Que são fixados nas convenções colectivas dos diferentes sectores. Quando os sindicatos dizem que não se valoriza a negociação colectiva, os próprios a desvalorizam através do salário mínimo. Se as pessoas tiverem um salário mínimo, que é fixado pelo Governo, 50% dos interessados na contratação colectiva deixam de estar [interessados]. Tem o problema das remunerações à volta do salário mínimo resolvidas muito mais por decisões governamentais na concertação social do que na negociação sectorial.

Os trabalhadores receberiam mais do que com o SMN fixado pelo Governo?

Teriam situações mais diferenciadas conforme os sectores, o que

eu em termos económicos era bom. Os sectores com mais futuro pagariam mais e os com menos futuro pagariam menos. A política do SMN igualiza, com vantagens políticas óbvias para quem toma a decisão. As pessoas com menos formação económica até acham que quem lhes dá agora o salário mínimo é o dr. António Costa e não as empresas.

Como compreende então o facto de os patrões terem assinado o acordo de Dezembro que prevê o aumento do SMN?

Às vezes tenho dificuldade em perceber o que leva os patrões a assinar estes acordos. Mas suponho que foi uma tentativa de travar mais algumas reversões das medidas tomadas no tempo da troika na área laboral.

Acha que houve um acordo para travar mais medidas na área laboral? Essa informação não é oficial, não foi transmitida...

Mas eu acho que devia ter sido.

Tem alguma informação de que tenha existido esse acordo?

Não. É muito evidente que essa

questão estava na cabeça das pessoas do lado patronal e estava na cabeça do Governo que, na minha opinião, está preocupadíssimo com o baixíssimo investimento, quer interno, quer externo.

Os números mais recentes do emprego do ano passado apontam para um aumento, apesar da subida do salário mínimo. Como explica isto?

Ainda não temos informação estatística suficiente para saber onde se criaram exactamente postos de trabalho. A minha convicção é que temos assistido a um aumento do emprego porque muita gente esgotou o período máximo de obtenção do subsídio de desemprego. Passaram a aceitar empregos que não aceitavam. Segundo, havia muita gente que recebia subsídio de desemprego e que fazia trabalhos por fora que não declaravam. E em terceiro lugar este crescimento do emprego é tudo o que a esquerda dizia que não queria. São fundamentalmente salários mais baixos no turismo onde beneficiámos do terrorismo varrer para cá turistas em quantidades imprevistas.

Entre a decisão da TSU e a do PEC qual prefere?

Como a discussão é má, limitada, porque estamos a discutir o SMN, acho ainda por cima que Portugal aumentou os salários reais nos últimos 10 anos em 20 ou 21% e a produtividade cresceu 7%, não há razão nenhuma para continuarmos a aumentar o SMN. Os salários mínimos não têm efeitos perversos sobre a criação de emprego quando não excedem determinada percentagem da mediana dos salários do país. E neste momento estão a exceder. Em vez de funcionarem para evitar que algumas pessoas aceitem trabalho abaixo de determinado valor, o salário mínimo está ser utilizado como uma espécie de carro vassoura para subir os salários nos níveis mais baixos de qualificação independentemente dos sectores aguentarem ou não. É de uma imprudência enorme. Portugal tem o problema de ter na União Europeia a maior percentagem de activos pouco qualificados. Quanto mais se pagar a activos pouco qualificados mais difícil é sustentar essas actividades. E vamos criar desempregados de longa duração que são também os pouco qualificados que têm mais dificuldade em voltar ao trabalho.

Como se resolve o problema das pessoas pouco qualificadas ou que estão a trabalhar em sectores que estão condenados a morrer?

As empresas não têm culpa disso. Acho preferível um imposto negativo que não pesa sobre as empresas porque isso é um problema da sociedade. Podem ser cheques formação que as pessoas pudessem usar em diferentes instituições.

“Este crescimento do emprego é tudo o que a esquerda dizia que não queria.”

Como entendeu a posição do PSD na votação da TSU, um partido que tradicionalmente defende a redução da TSU?

Numa proporção completamente diferente. Agora o que se estava a discutir não era nem a redução de 23,75 pontos que nós propusemos [em 2011], nem os 3,75 pontos percentuais que o PSD tinha proposto [em 2012]. Eram 1,25 pontos sobre os salários mais baixos. Não tem qualquer expressão, não é assimilável a tudo aquilo que o PSD tinha proposto em termos de redução da TSU.

A medida de redução de 0,75 pontos percentuais que existia foi uma proposta do PSD... Em tempos eleitorais...

Certo. Por isso há um momento mais recente que dá para comparar bem com a opção actual do PSD...

Miguel Baltazar



“Elites empresariais e políticas são um problema”

Pedro Ferraz da Costa defende o contrato único para acabar com a segmentação do mercado de trabalho. “Devíamos dar mais garantias aos mais novos e menos garantias aos mais velhos”, disse. Por este motivo, considera que agravar a Taxa Social Única das empresas para os contratos precários - uma medida do Programa de Governo - é “agarrar o problema pelo rabo”. Porém, o presidente do Fórum para a Competitividade admite que nem com o actual Governo, nem com o anterior, é possível avançar com esta medida. Mas considera que os patrões deviam colocar o tema na agenda. Questionado sobre que incentivo tem de existir para uma medida dessas avançar - tendo em conta que a troika já esteve em Portugal e a medida não avançou - o antigo patrão dos padrões identifica um obstáculo. “Acho que é um problema das elites quer empresariais quer políticas. As elites têm de mudar de comportamento. Se para mudarem o comportamento têm de mudar de pessoas, também” têm de mudar as pessoas.

Não dá para comparar bem. Dá para comparar que o PSD em período eleitoral quis fazer isso para subir o SMN e o Governo agora também quis fazer. Mas isso não é conversa económica séria.

Como vê o facto de o Presidente da República ter apoiado este acordo da concertação social?

Quase toda a gente em Portugal é um grande apoiante da concertação social. Nunca percebi porquê e tenho dezenas de horas investidas nesse tema.

Então como vê este envolvimento do Presidente da República?

Os políticos estão convencidos de que é a política que conduz a vida e os países. Acho que exageram. O valor simbólico de um acordo num país que tem os problemas económicos que tem para resolver na minha opinião é pouca coisa. ■

“Proposta fiscal de Rio pode ter sido suicídio político”

Pedro Ferraz da Costa desvaloriza as notícias que vão surgindo sobre possíveis candidatos à liderança do PSD e defende que a proposta de Rui Rio sobre a criação de um imposto para pagar juros da dívida pode ter comprometido “definitivamente” uma eventual corrida à liderança do PSD.

Como vê as notícias que de vez em quando surgem sobre possíveis candidatos à liderança do PSD? O partido tem estado paralisado?

O PSD sempre foi assim na oposição. Eu acho que o dr. Rebelo de Sousa também não resistiu mais do que dois anos quando era

líder na oposição. O único líder que resistiu na oposição em Portugal foi o eng. António Guterres no PS.

Acha que Passos Coelho devia ser politicamente mais agressivo/activo?

Neste momento o país não quer agressividade. As pessoas querem consumir mais e não querem preocupar-se sobre o dia de amanhã. Não sei se uma posição mais agressiva do PSD teria grandes simpatias. As pessoas querem continuar a sonhar que não têm problema nenhum para resolver. Um chato vir dizer que há riscos externos...

Qual a sua opinião sobre Rui Rio que tem sido apontado como um dos candidatos preferenciais no PSD à liderança?

Eu fiquei muito admirado com aquela proposta fiscal que ele fez. Não sei se em termos do seu futuro político não foi uma proposta suicida. A maior parte dos eleitores do PSD acharão aquilo péssimo. Se calhar comprometeu-se definitivamente. E a dra. Cristas está concentrada na Câmara de Lisboa.

Temos um problema na oposição?
Temos.

Resolve-se com a saída de Passos Coelho?

Só estou a constatar que se houver uma chafice nos mercados financeiros ficamos aí a pedir maus um resgate, que ainda por cima ninguém nos vai dar, e ainda aí tudo muito descansado. O dr. Passos Coelho tem toda a razão com a preocupação e é criticado por estar preocupado. A dra. Cristas está virada para a câmara de Lisboa, que é uma maneira de se afirmar perante os seus concorrentes internos dentro do CDS. O Presidente da República acha que se fizermos um acordo social estamos a dar um sinal muito importante. ■

PRIMEIRA LINHA ENTREVISTA

PEDRO FERRAZ DA COSTA PRESIDENTE DO FÓRUM PARA A COMPETITIVIDADE

“Caixa vai pagar indemnizações principescas aos trabalhadores”

“Não há acordo para o investimento”

É pela venda do Novo Banco e revela ter dúvidas sobre soluções para a banca que ponham em risco postos de trabalho. Ferraz da Costa rejeita que haja um problema no sistema financeiro.

MARTA MOITINHO OLIVEIRA
martaoliveira@negocios.pt

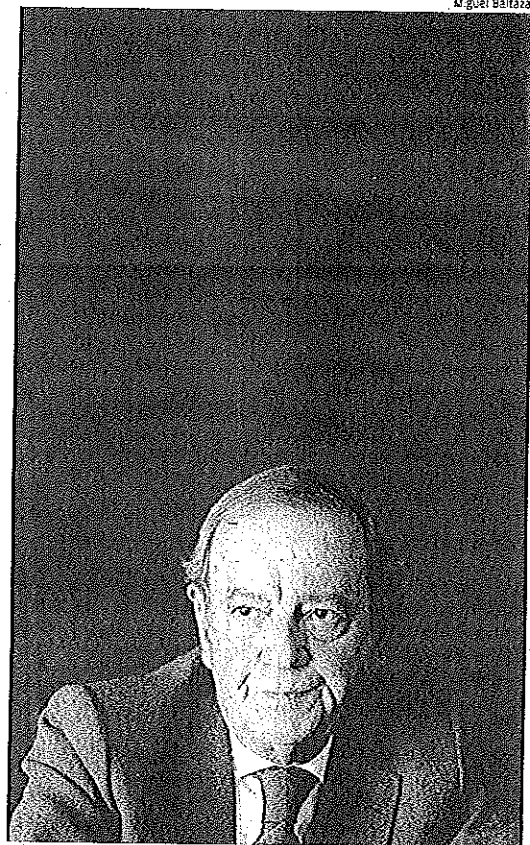
Ferraz da Costa tem dúvidas que algum Governo tome decisões relacionadas com o sistema financeiro que possam precipitar o fim de perto de 100 mil postos de trabalho. O presidente do Fórum para a Competitividade pergunta onde está o Tribunal Constitucional do dossiê da saída de trabalhadores da Caixa.

A questão da liderança da Caixa ficou bem resolvida com Paulo Macedo?

Criou-se a opinião de que nós temos um problema no sector financeiro. Nós não temos um problema no sector financeiro. Nós temos um problema em todo o sistema económico. Como o sistema económico não funciona também não há sistema financeiro que funcione. Se a actividade dos bancos não corre bem como é que se resolve o problema? É meter lá mais dinheiro? E também não sei qual é que é a sinceridade do Governo a esse respeito. Porque por outro lado o Governo toma um conjunto de medidas que tornam a actividade bancária menos rentável ainda.

A que tipo de medidas se está a referir?

Todos os regulamentos, isenção de custos para os utilizadores das máquinas de multibanco. Cada vez os bancos têm mais custos, mais regulamentos, menos receitas. Para o Estado é muito bom ter taxas negativas, para os bancos é muito mau. O que é que



Miguel Baltazar

val melhorar na actividade? Vão fechar balcões...

Também vão sair alguns funcionários...

Sim. Com um regime de indemnizações que é escandaloso comparado com o que recebiam quaisquer outros portugueses em qualquer outra actividade. A Caixa, entre 2004 a 2010, aumentou os salários quase 70%

e agora vai pagar indemnizações principescas com base nesses salários. Não despediu ninguém e só reforçou o poder negocial de quem está para sair. Devem ter aquelas vantagens todas do sistema bancário em termos das reformas e das reformas antecipadas que agora é pago por nós todos através da Segurança Social, porque entretanto o sistema foi metido na Segurança Social. Não

há ninguém que diga que isto afecta o princípio da igualdade ou da proporcionalidade? Onde é que está o Tribunal Constitucional?

Considera que casos como o da Soares da Costa, em que a Caixa votou contra o plano de reestruturação da empresa, podem repetir-se afectando muitas empresas importantes do tecido empresarial?

Temos um conjunto de empresas, que suponho que é grande, mas que o sistema financeiro não quer dar informação pública a esse respeito – de quem são os grandes devedores – que são empresas que podemos designar de zombies. Porque não vivem em condições normais. Se são 10 mil postos de trabalho, 50 mil ou 100 mil é difícil dizer sem ter a lista. Mas eu acreditaria mais que é perto dos 100 mil do que do 10 mil. Não há nenhum Governo que esteja interessado em precipitar decisões que possam ter reflexos desta dimensão. E por outro lado sei que essas empresas que estão penduradas na banca normalmente também não fazem nada para se ajustarem enquanto estiverem penduradas. E era preciso e possível fazerem.

Algumas pessoas têm defendido a nacionalização do Novo Banco, mesmo à direita. Qual a sua posição?

Como não acredito no Estado a tomar conta das coisas acho que é melhor não nacionalizar.

É uma posição de princípio?

É baseada mais na experiência do que de princípio. As coisas que foram feitas na Caixa Geral de Depósitos em termos de empréstimos eram alguma vez possíveis se o banco fosse privado? ■

Para o presidente do Fórum para a Competitividade, Ferraz da Costa, enquanto este Governo estiver em funções não haverá investimento.

Antes do OE 2017 ser conhecido temia que o OE viesse a dar sinais errados para o investimento. O OE já está em vigor, entretanto o Governo anunciou um défice abaixo de 2,3% no ano passado, evitando problemas como Bruxelas...

Há grandes dúvidas sobre como foi atingido. Foi por uma redução, que em alguns casos é capaz de até de ter sido excessiva, do investimento público. Existe a convicção de que há desorçamentação e um aumento nas dívidas a fornecedores. Não se fez nada estrutural para ter uma trajectória descendente das despesas públicas. E além disso, as economias que têm sido apresentadas são fundamentalmente ao nível de consumos intermédios. Temos a noção que o Bloco de Esquerda e o PCP nunca estariam de acordo com qualquer programa de redução da despesa pública. Há uma parte do que poderia ser a actuação deste Governo que é impossível nesta arquitectura política.

Considera que o Governo está condicionado?

Completamente. O primeiro-ministro tinha prometido um grande pacote de apoio investimento em Setembro do ano passado. Já lá vão quantos meses? Não saiu nada porque? Esqueceram-se? Não acredito. [O primeiro-ministro] disse-me [isso] antes de férias e não aconteceu. Não acontece porque os parceiros [PS, BE, PCP e Verdes] não se conseguem pôr de acordo sobre as medidas.

Então enquanto existir este Governo não haverá investimento?

Acho que não. ■